

## **NARRATIVAS POSSÍVEIS ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO: economia solidária, espaço urbano e meio ambiente**

### ***POSSIBLE NARRATIVES AMONG GARBAGE WORKERS: solidarity economy, urban space and environment***

---

Simone Lira da Silva

*Universidade Federal de Santa Catarina*

Maria Catarina Chitolina Zanini

*Universidade Federal de Santa Maria*

#### **Resumo**

Os trabalhadores com o lixo, personagens cada vez mais presentes no cotidiano urbano, vêm aos poucos sendo alvo de estudos acadêmicos. Este artigo pretende, partindo do cotidiano de interações que envolve o trabalho com o lixo em Santa Maria (RS/Brasil), abordar a construção e negociação da identidade dos trabalhadores com o lixo. O presente artigo, baseado em pesquisa etnográfica, almeja descrever esse processo interativo, dialogando com quatro contextos: classe social, espaço urbano, políticas de proteção ao meio ambiente e economia solidária. Para a elaboração dessa reflexão, parte-se de pesquisa realizada com três associações de trabalhadores com o lixo em Santa Maria (RS), durante os anos de 2008 e 2009. O que se observou, por meio desta pesquisa, foi a complexidade e multiplicidade de fatores envolvidos no trabalho com o lixo.

**Palavras-chave:** trabalhadores com o lixo, meio ambiente, cidades, economia solidária

#### **Abstract**

Workers with waste are becoming more and more present in daily urban life and they are slowly being targeted for academic studies. In this article we objective, based on the daily interactions that involve working with the trash in Santa Maria (RS/Brazil), analyze the construction and negotiation of identity with the garbage workers. This article, based on ethnographic research, attempts to describe this interactive process within four contexts: social class, urban space, policies to protect the environment and social economy. The article is derived from research conducted with three labor unions with trash in Santa Maria (RS) during the years 2008 and 2009. What was observed through this research is the complexity and multiplicity of factors involved in working with the trash.

**Keywords:** garbage workers, environment, cities, solidarity economy

## Introdução

A intenção da pesquisa que originou este artigo era compreender como os trabalhadores com o lixo negociavam suas identidades, relacionadas à sua atividade, diante das várias representações sociais associadas ao lixo e ao trabalho com ele. Nesta ocasião, mais do que discorrer sobre essas negociações, usaremos exemplos empíricos e discussões teóricas para apresentar algumas questões que se revelaram cruciais para o entendimento desse grupo e do agenciamento que esses trabalhadores fazem de suas identidades.

Antes de tudo, convém explicar o uso da expressão *trabalhadores com o lixo*. Ela foi escolhida devido à falta de um consenso, entre os trabalhadores, de como se identificar diante da sociedade. Alguns se consideravam catadores, já outros, recicladores, selecionadores, ou ainda, autônomos. Além disso, a eles, a sociedade atribui denominações tais como garimpeiros, “profetas da natureza”, carroceiros e papeleiros. O Código Brasileiro de Ocupações (CBO) define a categoria, nacionalmente, como “catadores de material reciclável” e informa a categoria de *recolectores of basura* como válida internacionalmente. A definição do CBO compreende, sem distinção, todas as pessoas que exercem algum tipo de atividade com o lixo, seja coletando-o nas ruas, seja separando-o dentro de uma associação ou, até mesmo, comprando-o e revendendo-o para as indústrias (estes são popularmente conhecidos como atravessadores). Em outros países, os trabalhadores com o lixo também recebem diferentes nomes. Berthier (2007, p. 3), em revisão de literatura sobre reciclagem, apresenta-nos alguns nomes pelos quais esses trabalhadores são classificados: *packs e teugs*, no Dakar; *wahis e zabbaleen*, no Cairo; *gallinazos*, na Colômbia; *chamberos*, no Equador; *buzos*, na Costa Rica; *cirujas*, na Argentina; e *pepenadores ou resoqueadores*, no México.

Optamos, então, por escolher o termo trabalhador, porque este foi exaltado em todas as falas de nossos informantes. Indiferentes à qual denominação usavam para caracterizar sua atividade, eles sempre concluíam dizendo que era “um trabalho como qualquer outro” ou “estamos trabalhando e não estamos roubando”. Já a palavra *lixo* foi mantida nessa denominação porque a ambiguidade da construção de uma identidade em torno dessa atividade se deve ao tabu de tocar o lixo, devido à associação do lixo com a ideia de sujeira e perigo (Silva, 2007, p. 32).

Na sequência do texto, abordaremos algumas questões metodológicas, e apresentaremos o público-alvo da pesquisa, mais especificamente três associações de trabalhadores com o lixo com sede em Santa Maria (RS): a Associação dos Selecionadores de Material Reciclável (Asmar), a Associação de Recicladores Pôr do Sol (ARPS) e a Associação de Reciclagem Seletivo Esperança (Arsele). Depois, retomaremos essa descrição, pensando esses indivíduos como parte de outros campos<sup>1</sup> interativos nem sempre levados

1 Utilizamos, como ferramenta epistemológica de análise, o conceito de *campo* de Bourdieu (1983, p. 44): “campo de forças e campo de lutas que visam transformar este campo de forças”, para explicar a interação dos agentes que fazem parte do trabalho com o lixo em Santa Maria.

em consideração quando tratamos desse grupo. Entre esses campos, destacamos o pertencimento a uma classe social bastante desprovida de recursos econômicos e, por consequência, carente de serviços de saúde, alimentação, moradia, educação, entre outros; um cotidiano traçado pelo estilo de vida urbano; os discursos de proteção ambiental, no qual o trabalho com o lixo encontra fortes argumentos para se promover; e o contato com práticas de economia solidária, nas quais encontram formas de sobreviver ao mercado capitalista.

### **Etnografia entre trabalhadores com o lixo**

O contato inicial com os trabalhadores com o lixo se deu ainda em 2004. Durante dois anos, as interações seguiram de forma esporádica e abrangendo indivíduos com diferentes graus de envolvimento com a atividade: trabalhadores associados, trabalhadores autônomos, comunidade em geral, universidades e autoridades de secretarias do meio ambiente. A partir de 2006, as visitas se centraram na Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável (Asmar), em determinados momentos, com visitas semanais. Em 2008 e 2009, período de pesquisa que origina este artigo, as investigações passaram a ser realizadas com integrantes de três associações – a Asmar, a Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança (Arsele) e a Associação de Recicladores Pôr do Sol (ARPS) –, bem como com representantes de entidades religiosas e da administração municipal, todos de Santa Maria. A escolha por fazer a pesquisa com essas associações deve-se ao fato de elas serem as mais conhecidas da cidade e, também, de possuírem organização e fins distintos.

A Asmar é uma associação que se caracteriza por possuir uma maior estabilidade financeira. Ela foi criada em 1992. A coleta de lixo, no momento da pesquisa, era realizada por um caminhão, que os associados haviam conseguido adquirir por meio de convênios do Banco do Brasil e verbas federais. Três associados trabalhavam no caminhão, fazendo a coleta em residências, comércios e repartições públicas, com os quais tinham acordado datas e horários fixos para passar. Os demais associados (o número variava com frequência, mas permanecia em torno de dez pessoas) permaneciam no galpão fazendo a seleção, prensagem e venda do material. Com o dinheiro da venda do lixo, eles pagavam o almoço na associação e eventuais dívidas da mesma. O restante era dividido pelas horas trabalhadas por todos os associados, e cada um recebia o montante referente às horas trabalhadas, algo em torno de R\$300,00 por quinzena.

A Arsele compreende, além do grupo que trabalha com a reciclagem, uma série de atividades de lazer e de assistência para as pessoas da comunidade na qual foi criada. A coleta de lixo era realizada por carrinhos puxados pelo próprio trabalhador ou por um cavalo. Possuíam alguns pontos fixos de coleta, mas o maior volume de lixo era conseguido nas lixeiras das ruas centrais da cidade. A associação possuía duas prensas e uma esteira, conseguidas com verba do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq) em Projetos de Extensão do curso de Assistência Social do Centro Universitário Franciscano (Unifra) de Santa Maria. O trabalho de seleção do material coletado era realizado por alguns trabalhadores fixos, que incluíam a coordenadora, duas de suas filhas e meninos encaminhados pela Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase)<sup>2</sup>, que se encontravam cumprindo medidas de semiliberdade. O dinheiro arrecadado era usado para ajudar famílias mais necessitadas da comunidade, sendo parte dele dividido entre as pessoas que trabalhavam dentro do galpão de reciclagem. Esse valor raramente ultrapassava R\$50,00 reais mensais.

Já a ARPS, no momento da pesquisa, estava sob a responsabilidade do Centro Marista da Nova Santa Marta. Essa associação de trabalhadores com o lixo encerrou suas atividades por várias vezes e estava tentando se estruturar com a ajuda do referido Centro. Apenas mulheres participavam da associação. A coleta era realizada por todas elas juntas, durante a manhã, em lixeiras do Bairro Santa Marta, com carrinhos puxados à mão. Na parte da tarde, todas faziam a separação do material coletado dentro do galpão. O dinheiro era dividido pelas horas trabalhadas, e cada trabalhador recebia pelas suas horas algo em torno de R\$ 200, 00 reais mensais.

A observação participante foi realizada nas três associações citadas. Para desenvolver essa atividade, foi solicitada autorização para selecionar o material reciclável dentro da associação, de forma voluntária. Com o tempo, alguns associados já se sentiam à vontade para solicitar à pesquisadora que realizasse determinadas tarefas no trabalho com o lixo. A execução de trabalhos nunca foi imposta pelos integrantes, mas se revelou uma importante ferramenta para tomar conhecimento do trabalho e adquirir afinidade com cada um dos trabalhadores.

A recepção na Asmar foi facilitada pelo conhecimento que os integrantes desta associação possuíam de pesquisas anteriores realizadas por outros estudiosos. Felizmente, foi possível deixar uma boa impressão na primeira associação pesquisada, fato que, em pouco tempo, já era de conhecimento de outras associações. Elas valorizaram muito o tipo de relação estabelecida com o grupo, como a realização de atividades tais como trabalhar com o lixo, comer junto a eles, tomar chimarrão<sup>3</sup> e, principalmente, sempre retornar com o que havia sido escrito, fotografado ou filmado. Esse foi um processo sempre dialógico entre pesquisadora, grupo pesquisado e orientação de pesquisa. A pesquisa se processava num ciclo de aprendizado e reflexões sempre compartilhado com os seus colaboradores.

Na Arsele, as expectativas de dona Teresinha, coordenadora da associação,

---

2 A Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (Fase/RS) é responsável pela execução das Medidas Sócio-Educativas de Internação e de Semiliberdade determinadas pelo Poder Judiciário, destinadas aos adolescentes autores de ato infracional. Dados disponíveis em: <<http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php?menu=secretaria&subitem=1>> Acesso em: 26 abr. 2013

3 Chimarrão é uma bebida muito popular na região Sul do país e também em alguns dos países vizinhos. É servida num recipiente denominado “cuia”, feita a partir de uma planta chamada “porongo”, dentro da qual se colocam folhas moídas de erva mate (*IlexParaguariensis*).

contribuíram para nossa permanência no local. Dona Teresinha conhecia o documentário que tínhamos elaborado em conjunto com os integrantes da Asmar e gostaria que fizéssemos o mesmo com a Arsele. Os responsáveis pela ARPS conheciam menos os trabalhos e pesquisas anteriores, mas permitiram a presença da pesquisadora nas atividades da associação. Eles pediram somente que o trabalho final lhes fosse entregue. Em todos os locais, o uso de equipamentos de captura de imagem e som foi frequente, e o retorno das imagens para o grupo se tornou uma importante moeda de troca e de convívio.

A etnografia se revelou eficaz, enquanto método de pesquisa, mas não nos isentou de discutir problemáticas inerentes a essa prática. Era preciso deixar claro que o tipo de processo interativo que se estabeleceu com o grupo ditava, em grande parte, os resultados da pesquisa. Para Zanini (2006, p. 27), a etnografia é sempre “[...] uma construção sobre o outro, por intermédio de nós mesmos e do que o outro permite dele conhecer. É um exercício reflexivo acima de tudo. Nunca um retrato definitivo, é, antes, uma possibilidade [...]”. Nessa perspectiva, a aventura antropológica foi sempre a de estar no campo de forma ética, responsável, e procurando não atrapalhar as atividades de trabalho dos recicladores, uma vez que a pesquisa se dava no mundo de trabalho daqueles indivíduos.

Além disso, deparamo-nos com as limitações de fundo ético sobre o que seria viável e correto publicar. Para Becker (1977, p. 137), o pesquisador estará sempre obrigado a pensar sobre a relevância de publicar ou não cada dado de sua pesquisa. E, em negociação travada entre a sua moral e a do grupo, tentar traçar as condições de relatório do modo mais livre possível (Becker, 1977, p. 156). Assim, a pesquisa sofreu uma pausa em certo momento para que se pudesse pensar a pertinência de usar os nomes ou pseudônimos dos indivíduos pesquisados, ao fim da qual se optou por usar os nomes, já que estes faziam com que cada entrevistado se sentisse sujeito do texto escrito posteriormente.

Por fim, tendo feito uso de recursos audiovisuais durante a etnografia, fomos obrigadas a nos pôr a par de uma vasta literatura sobre o uso desses meios tecnológicos na Antropologia. Entre os autores pesquisados, destacamos Benjamin (1991), Magni (1995), Samain (1995), Godolphim (1995), Achutti (1997), Devos (2002), Brandão (2004), Novaes (2004), Macdougall (2005), Attané e Langewiesche (2005), Barbosa e Cunha (2006), entre outros. As imagens foram exploradas de diversas maneiras: como forma de devolução do trabalho do antropólogo para o grupo; como uma maneira de motivá-los a falar ou refletir sobre si mesmos ao assistirem as imagens junto com a pesquisadora; como instrumento para a criação de narrativas audiovisuais e como objeto de análise dos gestos, atos e das relações dos indivíduos com as coisas e com os lugares.

A pesquisa também contou com a análise documental das reportagens feitas pela imprensa local sobre os trabalhadores com o lixo ou sobre as formas de coleta de lixo adotadas pelo município de Santa Maria, durante o período da pesquisa. Os jornais locais utilizados nessa pesquisa foram *A Razão e Diário de Santa Maria*. Tínhamos em mente que o discurso proferido pela imprensa não era homogêneo, mas possibilitava conhecermos

as diferentes narrativas urbanas acerca do lixo. Pensávamos o jornal, assim como Schwarcz (1987, p. 15), como “resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas”. Para fins deste artigo, apenas apresentaremos alguns dados coletados nesses jornais, os quais permitem acompanhar as mudanças no serviço de coleta de lixo oferecido pela prefeitura, bem como a recepção dessas mudanças por parte da população e dos trabalhadores com o lixo da cidade.

Em 2008 e 2009, Santa Maria passou por mudanças no sistema de coleta de lixo. Até março de 2008, todo o lixo coletado na cidade era encaminhado para um local conhecido como Lixão da Caturrita<sup>4</sup>. Nesse local, o lixo era aterrado sem nenhuma seleção prévia, exceto a executada por centenas de trabalhadores que buscavam materiais recicláveis no Caturrita. Alguns deles chegavam a montar acampamento e a pernoitar no lugar para não ter o material coletado durante o dia roubado ou aterrado.

Ao vencer nova licitação, a empresa PRT teve de cumprir com a exigência de não mais levar o material para o Lixão da Caturrita, que já sofria interdições da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) desde 2006. A partir de então, o lixo passa a ser levado para a Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita (CTRC), da empresa Tecnoresíduos Serviços Ambientais Ltda, que havia se instalado nas proximidades do lixão, no ano anterior. Ambas as empresas recebiam subsídios da prefeitura por cada tonelada de lixo coletada e enviada para tratamento. A empresa Tecnoresíduos detinha o direito de venda do material reciclado, selecionado dentro da empresa, com a obrigação de fazer o tratamento do restante. Alguns dos antigos trabalhadores do lixão passaram a trabalhar na empresa. As opiniões sobre a nova forma de trabalho se dividiam entre aqueles que viam no trabalho assalariado e nos direitos trabalhistas uma vantagem e os que consideravam que o salário que ganhavam dentro da empresa os desfavorecia, porque era menor que aquele que conseguiam individualmente, no antigo Lixão da Caturrita.

Em 2009, as empresas implantaram na cidade um novo sistema de coleta de lixo. Tratava-se da instalação de contêineres nas ruas da cidade. Esses recipientes apresentavam em torno de um metro e meio de altura, eram dotados de uma tampa em forma de “V” e suas laterais possuíam encaixe para os braços mecânicos adaptados nos caminhões de coleta. Essa medida afetou tanto a população em geral de Santa Maria quanto os trabalhadores com o lixo que percorriam a cidade de lixeira em lixeira.

Alguns moradores vinham a público, por meio dos jornais, para expor sua satisfação com os contêineres. Nesses casos, os contêineres eram tidos como exemplo de limpeza, porque o lixo não ficava exposto e evitava que os “catadores” o espalhassem pelo chão. Outros se sentiam descontentes, porque já estavam acostumados a fazer a separação em casa e consideravam o sistema um retrocesso ou, então, não gostavam de ter de andar quase uma

<sup>4</sup> “Lixão da Caturrita” é o nome popularmente usado para designar o antigo depósito de lixo localizado no distrito de Santo Antônio, Santa Maria (RS). Ao final da pesquisa, esse lixão encontrava-se desativado.

quadra para encontrar um contêiner, sendo que, antes, a lixeira ficava no portão de sua casa. Enfim, tanto a satisfação como a insatisfação da população com o lixo, e a insistência dessas manifestações nos jornais locais, nos apontava o quanto o lixo e seu destino eram questões importantes para as pessoas. Entre questões de pureza e impureza, a forma como os dejetos eram manuseados, transportados ou reciclados gerava polêmica e desejo de expressão pública.

Já entre os trabalhadores com o lixo das associações, o descontentamento era grande. Boa parte das pessoas que antes separava o lixo para doar para as associações tinha deixado de fazer isso, porque o lixo seria reciclado de qualquer forma e porque era mais fácil simplesmente colocá-lo nos contêineres. Além disso, retirar o lixo dos contêineres, agora mais misturado que antes, exigia que o trabalhador com o lixo entrasse em seu interior ou construísse algum tipo de ferramenta que permitisse puxar para fora as sacolas para serem inspecionadas. Com as lixeiras anteriores, os trabalhadores enxergavam o conteúdo dos sacos de lixo, sem necessariamente terem de abri-los.

Em meio a isso, se encontravam entidades vinculadas à Igreja Católica, como o Projeto Esperança e Cooesperança, as secretarias municipais de Meio Ambiente e de Assistência Social da Prefeitura Municipal, a Unifra e a UFSM. O Projeto Esperança e Cooesperança incentivava o trabalho cooperativado, levando cursos aos trabalhadores, incentivando-os a lutarem por seus direitos ou auxiliando-os a se inscreverem em projetos que pudessem resultar em algum tipo de assistência e recursos para as associações. Essa relação, embora vista como benéfica pelos trabalhadores com o lixo, nem sempre era livre de conflito. De certa forma, estavam implícitos nas regras do projeto alguns valores da Igreja Católica, os quais nem sempre eram compatíveis com a realidade ou com o cotidiano de trabalho com o lixo. O trabalho das secretarias municipais sofria severas críticas por parte dos trabalhadores com o lixo, de modo que estas tinham muitas dificuldades para implantar suas iniciativas. Já as universidades locais, por meio de projetos de extensão, às vezes tinham algum êxito junto a essa população.

O processo de interação dos trabalhadores com o lixo, no contexto descrito acima, levou esses trabalhadores tanto a uma tentativa de ocultar a identidade de trabalhador com o lixo quanto ao aperfeiçoamento dos discursos sobre a importância e dignidade de seu trabalho. Cada contexto social, no qual eles estavam envolvidos, possibilitava determinada maneira de expressar sua identidade. Essas maneiras de expressão iam desde a ocultação dessa identidade até um forte sentimento de solidariedade em relação a outros indivíduos que partilhavam da mesma condição de excluídos e com os quais reivindicavam direitos na sociedade. Mas, também, consistia na tentativa de redefinir os sentidos historicamente atribuídos aos trabalhadores com o lixo. Contudo, talvez o mais significativo resultado desse processo de inserção e de reinvenção de uma categoria social de trabalho tenha sido a capacidade concreta de possibilitar a muitos indivíduos, especialmente mulheres, uma fonte de renda e de identificação social (Silva, p. 2010).

### **Pensando o contexto micro dentro das estruturas macro**

Para uma melhor compreensão do processo de construção e negociação da identidade de trabalhadores com o lixo, no contexto de Santa Maria (RS/Brasil), entendemos que a discussão deve perpassar por algumas instâncias maiores de construção de sentidos. Sendo assim, na sequência, relacionamos o cotidiano alcançado pela etnografia com sentidos históricos dados à classe da qual se originam esses trabalhadores, bem como ao objeto de seu trabalho, o lixo.

#### *Sobre os sentidos atribuídos ao lixo e às populações pobres*

Dentro da hierarquia social do cotidiano de uma vida urbana, os trabalhadores com o lixo certamente ocupam uma das categorias mais baixas. Eles próprios reconhecem isso quando, ao falar de si, referem-se às categorias pobre e marginalizado.

As pessoas pensam que catador é marginal... não pensam que a gente é pessoa né. Muitas vezes, é por isso que a sociedade, a sociedade em si ela... faz com que a marginalidade aumente por tu tratar outra pessoa como marginal. A tua classe social não permite que tu se um cidadão da sociedade então é muito difícil, as pessoas respeitarem a periferia em si, não só o catador, mas a periferia em si. O jovem da periferia é maltratado pela sociedade, é maltratado pela própria polícia em si, né, não respeita. É... usa calça larga, é periférico, é marginal. Se for negro pior ainda. Então enquanto não existir um respeito das autoridades por a periferia não... O menino já cresce ali vendo a polícia chamar de vagabundo, ah, eu já sou vagabundo... (balança os ombros), né. (Dona Terezinha, 21/05/2009).

Sendo assim, compreendemos que o imaginário social sobre os indivíduos que realizam o trabalho com o lixo está vinculado a significações históricas atribuídas à categoria pobre. Se olharmos para a história, podemos situar o surgimento dos mendigos, segundo Stoffels (1977, p. 60), no início da Grécia Antiga, ou então, assim como Mollat (1989, p. 15), com os contingentes de “vagabundos e bandidos do ocidente”, surgidos após a decadência do Império Romano. Já as representações sociais atribuídas a esses indivíduos, segundo Magni (2006), devem-se em grande parte ao papel da Igreja Católica. Inicialmente, o pobre era sagrado e necessário, uma forma de expiar os pecados ao se ter a oportunidade de dar esmolas. A partir do século 15, com o aumento da pauperização, passa-se a criar algumas distinções sobre quem eram os pobres merecedores de esmola (aleijados, doentes, velhos, viúvas e órfãos) e os demais. É a partir de então que começam a se disseminar severas críticas à pobreza voluntária e a associá-la à vadiagem e à prática de delitos.

Pela revisão de literatura feita por Snow e Anderson (1998) sobre o surgimento dos desabrigados, os moradores de rua já existiam mesmo nas cidades pré-industriais da Europa, e a mendicância, a prostituição e o roubo eram as principais formas de

sobrevivência desses indivíduos. Naquela época, tais indivíduos tiveram o estigma que recaía sobre eles amenizado pela forte presença de duas filosofias: a de tradição popular que valorizava a hospitalidade aos andarilhos e a dos ideais Franciscanos de desapego aos bens materiais.

Com a imagem de pobreza da Ordem Franciscana abalada pela fortuna que havia adquirido, a mão-de-obra escassa após a peste negra e a crescente valorização de atividades que levassem ao sucesso, os pobres passam a ser caçados para se tornarem contingentes militares ou trabalhadores enviados da Grã-Bretanha para as suas colônias da América. Ao chegar ao seu destino, não podiam estabelecer residência fixa, e, assim, permaneciam viajando para os lugares que possuíam obras do governo. A partir de 1930, “morre” a era dos andarilhos, devido à mecanização do campo, à definição da fronteira ocidental dos Estados Unidos e à substituição das ferrovias (que forneciam trabalho e transporte barato) pela rodovia.

Paralelamente, o número de pobres era engrossado por mulheres e crianças que saíam às ruas no período de depressão econômica. Com isso, os bairros marginais, antes abrigos de andarilhos que tinham uma situação bem melhor que os atuais pobres, tornaram-se refúgio de velhos e deficientes. E, após os anos 1980, o crescimento vertiginoso dos desabrigados os leva a ocupar as ruas de todos os grandes centros urbanos.

Como podemos notar pelo exemplo americano, a trajetória de formação de um contingente de pobres passou por diferentes graus de intensidade e foi agregando sobre si as mais diversas representações, que vão desde a compaixão até a repulsa e o desprezo total. Podemos dizer que tais representações convivem simultaneamente nos dias atuais. Como veremos no decorrer do trabalho, o pobre, seja ele o morador de rua, seja o índio que vende artesanato nos centros urbanos, seja o trabalhador com o lixo, ainda desperta certa compaixão cristã. Ele ainda consegue usufruir da caridade de uma parcela da população. Contudo, concomitante a isso, ele também é visto como um vagabundo desprezível ou como um criminoso a quem se deve temer. Seja por um ou por outro motivo, esses indivíduos são persuadidos ou, em alguns casos, forçados a se desvincularem desse tipo de vida.

Os programas de assistência social, por exemplo, têm sido acompanhados de uma série de projetos educacionais que visam mudar o comportamento e a forma de pensar desses indivíduos. Já as políticas de repressão à violência e à desordem pública acionam meios de afastá-los do convívio com os demais cidadãos ou, então, de regulamentá-los dentro de trabalhos formais em associações ou espaços sob o controle da prefeitura, como é o caso dos vendedores ambulantes do centro de Santa Maria (RS). Essas iniciativas fazem parte de um processo de disciplinamento dos corpos, no qual a distribuição espacial está em primeiro lugar (Foucault, 2008, p. 121). Para Foucault (2008), a organização do espaço escolar criou, entre outras coisas, hierarquias que permitiram que os indivíduos submetidos a esse espaço se distinguíssem e fossem distinguidos pelo valor de cada um, pelo avanço nos

estudos, pelo seu temperamento ou mesmo pelo tamanho da fortuna do pai (Foucault, 2008, p. 126).

Essas hierarquias também são criadas por uma série de medidas que visam disciplinar os pobres, as quais tiveram seu início, segundo Magni (2006), a partir do século 14. Em toda a Europa Ocidental, surgiram severas tentativas de conter a vagabundagem. Paralelo a isso, criou-se uma ampla estrutura de assistência social (Magni, 2006, p. 18-20). Na segunda metade do século 18, houve certo abandono da assistência social de teor moral, e a preocupação passou a se centrar em questões de saúde. Profissionais como médicos, sanitaristas, juristas, arquitetos, entre outros, dedicaram-se à tarefa de saneamento do espaço público. No Ocidente, essas preocupações de cunho sanitarista chegaram a partir do século 20, tornando a preocupação social com a questão do lixo mais presente. A noção de sujo, como se pode perceber no decorrer deste texto, é bastante relativa. O lixo, que poderia ser visto como sinônimo de sujeira, na verdade está classificado em diferentes graus de proximidade com esta, a ponto de deixar de ser lixo e se tornar outro produto, recuperando seu valor de uso. Mary Douglas explica essa noção relacional dizendo que “[a] sujeira é essencialmente a desordem [...]. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente” (Douglas, 1976, p. 12).

No entanto, desde a década de 80, muitos trabalhos acadêmicos, como os de Bursztyrn e Araújo (1997), Cabral (2001), Natalino (2003), Martins (2003), Feitosa (2005), Martins (2005) e Michelotti (2006), vêm mostrando que nem sempre esta é a ordem de compreensão do que é lixo entre trabalhadores com o lixo. Os dados oriundos das etnografias dos autores citados acima permitem visualizar um mundo de significados bastante distintos. O lixo não mais é algo do qual devemos nos afastar, mas um objeto valioso, tanto monetariamente quanto utilitariamente. Muitos dos materiais encontrados pelos sujeitos das pesquisas citadas passavam a ser cobiçados por poderem vestir os corpos dos trabalhadores, enfeitá-los – no caso das joias (bijuterias) –, decorarem o galpão e a casa de cada associado ou ainda servir de brinquedo para seus filhos.

Embora esses sentidos até sejam descritos nos trabalhos citados, o conflito das definições legitimadas do que é lixo por estes últimos, e que acabam por definir as formas interativas do cotidiano de um trabalhador com o lixo, não são levadas em consideração. Assim, buscamos ressaltar esse conflito como um dos pontos norteadores para a interação dos trabalhadores com o lixo entre si e com a sociedade que os circunda.

É por reconhecer a legitimidade atribuída aos sentidos do lixo enquanto sujeira, ou algo potencialmente contaminado, que esse trabalhador, por vezes, nega seu trabalho, ou vive a tensão de ter de se identificar como trabalhador com lixo. Carina, mãe de três filhos, associada da Arsele, e que residia com sua família dentro da própria associação, nos fala, em entrevista, sobre o preconceito sofrido por seus filhos por terem uma mãe catadora. Ela não sentia vergonha de dizer que era catadora, mas seus filhos sofriam com as provocações dos colegas sobre o trabalho da mãe, ficando bastante revoltados e brigando na escola.

De outra forma, a reorganização que seu trabalho confere ao lixo implica uma reestruturação de sentidos também. O que antes estava fora de lugar, depois de passar pelas mãos do trabalhador com o lixo consegue ter um lugar, um valor e uma nova utilidade, não mais é lixo. Com o tempo de trabalho dentro da associação, vendo essas categorias sendo constantemente alteradas, o trabalhador começa a se sentir suficientemente confortável com a relação que trava com o lixo, a ponto de levar determinados objetos para o uso doméstico em suas casas ou para vestir a si e a sua família. Enfim, alguns objetos não são mais classificados na categoria lixo, mas sim ressemantizados, devido a sua capacidade de uso e de aproveitamento.

O primeiro dia de trabalho aqui, eu chequei em casa, eu me apavorei, eu cheguei em casa chorando. (Ela ri) Eu chequei em casa lavei minhas mãos com álcool. Eu não queira voltar no outro dia. Mas não, eu me aperto nas conta, disse: mas não vou voltar lá. Depois de dois três dias aí me acostumei, fui gostando (Ela ri). (Joci, em entrevista para o vídeo *Das quinzenas às coisinhas*).

Eu sempre fui uma pessoa assim... realista, assim que eu entrei aqui... ta eu me apavorei, não vou dizer que não porque eu me apavorei, claro, porque é lixo, mas eu não sabia nada, aí as colegas mais velhas daqui me ensinaram, e eu peguei o jeito direitinho e também fui gostando. Hoje eu posso dizer que não é lixo, é reciclado. (Dona Maria, em entrevista para o vídeo *Das quinzenas às coisinhas*).

Em uma das ocasiões, na qual uma das autoras deste texto saiu às ruas em busca de lixo junto com as associadas da ARPS, encontrou-se, em uma das lixeiras, um saco com roupas usadas. As mulheres se reuniram ao redor do saco, mexeram nele e escolheram as peças que poderiam servir para elas ou algum familiar. Marisa comenta que poderia ser “roupa de defunto”. Tânia dá de ombros. Elas experimentam as roupas e brincam com as peças que lhes parecem mais estapafúrdias, sem se importar (ou zombando da situação, é difícil saber ao certo) com os olhares dos moradores das casas próximas, tal como estava preocupada a pesquisadora naquele momento.

O que queremos salientar com essa discussão e esses exemplos é que tanto os sentidos conferidos ao indivíduo pobre quanto ao lixo criaram formas de exclusão da vida social das cidades. Passaram ambos a serem levados para os contornos ou periferias dos centros urbanos e a serem objeto de medo ou desprezo. Estar na condição de trabalhador com o lixo implica encontrar formas de dialogar com esses sentidos, fazendo deles, de certa forma, uma possibilidade criativa de inserção na sociedade.

Um exemplo disto é o papel de consumidor assumido via aproveitamento do que seria lixo. Livros, cadernos, bijuterias, roupas, brinquedos, móveis, eletrônicos e uma série de outros objetos que são introduzidos nos domínios domésticos, melhorando, por vezes, a qualidade de vida desses trabalhadores. Praticamente todos os trabalhadores com o

lixo, com os quais realizamos a pesquisa, relatavam levarem objetos encontrados no lixo para seu uso pessoal. Entre os homens, as roupas eram os objetos mais buscados; já entre as mulheres, as bijuterias e enfeites tornavam-se extremamente cobiçados. Vera, associada da Asmar há mais de 10 anos, mãe de três filhos, que teve uma vida de total submissão ao marido alcoólatra até o filho mais velho ter idade e força suficiente para retirar o pai de casa, ia mais longe. Ela dizia que o trabalho com o lixo, bem como as coisas que encontrava no local mudaram sua vida.

Então eu me sinto mais... Parece que aquilo ali mexeu comigo. Por mais que as pessoas falem que é lixo, que é reciclável, mas me deixou mais o que... eu fiquei mais vaidosa, por incrível que pareça. Eu me arrumo mais, eu boto brinco, eu vejo as revistas da moda, daí eu mudei o meu estilo de roupa, o meu estilo de pensar. (Vera, em entrevista para o vídeo *Das quinzenas às coisinhas*).

Joci, que trabalhava na Asmar há menos de dois anos quando realizamos a pesquisa, fez questão de que conhecêssemos sua casa para mostrar tudo o que conseguiu com o lixo. De um lado, nos mostrava os eletrodomésticos que comprara em várias prestações, graças à certeza do dinheiro obtido com o seu trabalho na Asmar. De outro, mostrava-nos os móveis que tinha encontrado no lixo, sua coleção de xícaras e as roupas do filho, segundo ela, “tudo reciclado”.

#### *O trabalhador com o lixo e o estilo de vida urbano*

Para além dos sentidos atribuídos ao lixo e à população pobre que o coleta, seleciona e envia para reciclagem, é preciso também pensar os trabalhadores com o lixo como parte ativa da dinâmica urbana e suas mobilidades. Para pensar a dinâmica do espaço urbano, entendemos ser necessário um arcabouço teórico que se sobreponha às ideias de urbano como um caos ou como um universo homogêneo. A heterogeneidade da população que circula no meio urbano não necessariamente é a causa do caos ou da desorganização. E, de outro lado, é apenas aparente a dificuldade de conseguir detectar identidades distintas no meio urbano, que pode levar à ideia de uma única massa sem face definida.

Para alguns autores, como Pesavento (1996), a rua vem se transformando sob o impacto do capitalismo, e se povoa de atores que por ela transitam: o povo, a multidão, o burguês e o proletário, “numa *mélange* caótica” (Pesavento, 1996, p. 9). De outro ponto de vista, Louis Wirth (1967) vê o espaço urbano como homogêneo e caracterizado por atitudes individualistas, competitivas, por frouxos laços familiares e pela secularização. No entanto, entendemos que ambas as teorias, ao olhar a cidade, excluem as intenções, os objetivos, os valores e as estratégias dos indivíduos, cuja interação faz e refaz os sentidos de cada espaço das cidades. Entendemos, assim como Oliven (1984), que a suposta homogeneização que ocorre nas cidades brasileiras não atinge todas as camadas sociais, como afirmam algumas teorias. Nos estudos realizados pelo autor, essa homogeneização acontece, mas apenas no

que diz respeito aos aspectos sujeitos às influências ideológicas. Na esfera pessoal, as ações dos indivíduos revelam uma nítida clivagem entre os grupos (Oliven, 1984, p. 97).

Pensar a cidade como homogênea ou como transformada em um caos leva a negligenciar o conflito e as negociações constantemente travadas por seus agentes. Cada indivíduo traz consigo uma idealização do que espera encontrar no espaço em que vive. Ao encontrar com outros, que usam esse espaço para fins que não havia idealizado, cada indivíduo costuma atribuir à ação do outro um caráter de desordem. Daí resultam as estratégias de afastamento ou de negociação de bens, espaços ou ações que possam permitir a convivência dos diferentes grupos.

Os trabalhos de Eckert (2002), por exemplo, evidenciam que os seguimentos médios urbanos temem ser roubados, assaltados ou agredidos e, vítimas ou não desses perigos reais, adotam estratégias de proteção, e reivindicam junto às autoridades civis uma ordem. Ao fazerem isso, atribuem as causas da violência urbana à figura genérica do “pobre bandido” (Eckert, 2002, p. 2). Assim também ocorre com os trabalhadores com o lixo que, como já foi dito anteriormente, compartilham a identidade de pobre e todas as representações que são atribuídas a esta. Logo, não é surpresa ver medidas que buscam o seu afastamento dos lugares por onde transitam as outras pessoas.

Esse conflito entre os agentes que circulam pela cidade também é visto por Magni (1995). A autora analisa situações semelhantes quando problematiza o uso que moradores de rua fazem de determinados espaços da cidade de Porto Alegre. Esses indivíduos investem, nos lugares em que estabelecem suas moradas provisórias, significados distintos dos que foram planejados para esses locais. Os espaços são territorializados e revestidos de uma subjetividade domiciliar. Esse comportamento, segundo a autora, revolta os agentes municipais, os quais, na tentativa de preservar o que estão entendendo por espaço público, valem-se de diferentes estratégias para retirar dali os moradores de rua (Magni, 1995, p. 146).

Velho (2003) salienta como os indivíduos podem alterar os significados e reorganizar diferentes lugares para adequá-los às suas necessidades momentâneas no universo urbano. Segundo o autor, faz parte da competência normal de um agente social mover-se entre as províncias de significados, e as fronteiras entre essas províncias podem ser mais tênues do que se espera.

O uso de espaços para fins outros que não os fins para os quais foram criados implica resistência por parte da sociedade em geral. Por conta disso, a presença do trabalhador com o lixo nos aterros sanitários, locais originalmente criados para o aterro do lixo que deveria ser afastado do contato com pessoas, também é motivo de uma série de iniciativas tomadas para impedir que esses trabalhadores permaneçam no local. Nesse caso, as empresas ou prefeituras também sofrem coerção por parte das autoridades competentes, quando não conseguem impedir que os trabalhadores com o lixo permaneçam nos lixões.

Tudo isso nos leva a afirmar que a diversidade encontrada na cidade, seja de grupos

humanos, seja de interesses ou opções políticas não leva a um mundo fragmentado e, muito menos, homogêneo. Mas elas são as principais responsáveis pelo que Magnani (2002) irá denominar sistemas de trocas. Esses sistemas permitem arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes, com parceiros até então impensáveis (Magnani, 2002, p. 16). A cidade possibilita encontros, tensões e interações que, nas suas dinâmicas particulares, revelam quais sentidos, estilos de vida, representações, habitus e agentes estão nas disputas desse campo complexo que é o mundo urbano.

#### *Políticas de preservação do meio ambiente e economia solidária*

Como foi dito anteriormente, o trabalho com o lixo tem conseguido forte apoio de duas formas de pensar e agir em sociedade: a economia solidária e a preservação do meio ambiente. A economia solidária tem disseminado, entre os trabalhadores com o lixo, valores positivados sobre seu trabalho. Os princípios da economia solidária dão organização e estabilidade às associações, além de mostrar aos trabalhadores com o lixo outras tantas formas de vivenciar o trabalho com o lixo, com dignidade e possível cidadania. O discurso de preservação do meio ambiente e das entidades que o propagam ajuda os trabalhadores com o lixo a conquistarem respeito ou simpatia da sociedade produtora de lixo.

Na cidade de Santa Maria, uma das principais representantes ou propagadoras dos ideais da economia solidária é a religiosa Irmã Lourdes Dill, que disse, em entrevista, que a economia solidária consiste em um novo “jeito de trabalhar em grupo”. Ela tem fomentado esse tipo de trabalho em diversos setores sociais locais, buscando melhorar as condições de renda de catadores de lixo, de populações indígenas, de pequenos produtores agrícolas e, também, de mulheres artesãs de crochê, tricô, etc. Por mais que a implantação da economia solidária nesses diversos grupos se faça separadamente, os encontros de formação desse grupos, em algumas ocasiões, ocorrem simultaneamente, o que acarreta, eventualmente, dificuldades de convivência e aceitação mútua. Essas resistências não eram reveladas claramente, muitas vezes, restringiram-se a sussurros (feitos ao pé do ouvido da pesquisadora), mas isso não os impedia de reproduzirem o discurso de busca da união entre todos.

Para Gaiger (2004), é possível visualizar, na bibliografia acadêmica e também entre os pontos dados como significantes pelos sujeitos que promovem a economia solidária, oito características que comporiam o conceito modelo que seu grupo de estudos<sup>5</sup> tem chamado de Empreendimento Econômico Solidário (EES). São elas: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autossustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social (Gaiger, 2004, p. 11). As combinações dessas características permitem, a nosso ver, uma diversidade de possibilidades na forma de ação das associações

5 Grupo Economia Solidária (Ecosol), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O Grupo de Pesquisa mantém o Seminário de Estudos sobre Economia Solidária e seu website Ecosol disponível em: <<http://ecosol.org.br>>

e cooperativas criadas dentro desses princípios, o que torna os rumos a serem seguidos pela economia solidária difíceis de serem definidos.

Segundo Addor (2006, p. 3), alguns teóricos consideram que é importante para a sobrevivência da economia solidária a interação com empresas capitalistas, enquanto outros, mais comprometidos ideologicamente, veem essa atitude como contrária ao caráter alternativo a que se propõe a economia solidária. Singer (2000) entende que a economia solidária é, sim, um modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, e o caráter híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias é apenas aparente, pois, na realidade, a economia solidária constitui uma síntese que supera ambos (Singer, 2000, p. 13). Já segundo Souza (2000), as organizações surgidas da economia solidária estão em ampla expansão e desenvolvimento. Para o autor, essas iniciativas também transformam mentalidades, gerando ganhos como a melhora da “auto-estima, identificação com o trabalho e com o grupo produtivo, companheirismo, além de uma noção crescente de autonomia e de direitos cidadãos” (Singer, 2000, p. 10).

Além disso, também podemos perceber que, em Santa Maria, a ideia de trabalho coletivo e em rede não exclui os laços com formas de mercado ou empresas capitalistas. Em alguns casos, esses empreendimentos também compartilham das mesmas táticas de competitividade do mercado capitalista, como uma maneira de conseguirem sobreviver em meio a esse universo. Muitos dos empreendimentos econômicos solidários criam uma série de estratégias para convencer o seu cliente a comprar ou para auferir o maior lucro possível. Há uma solidariedade com o grupo a que se pertence, mas de forma alguma com as outras esferas do mercado, sobre as quais tentam se impor.

De outro lado, um dos principais argumentos de valorização do trabalho com o lixo era a reivindicação para si do papel de alguém que tem agido em prol da natureza e, portanto, cuidado do bem-estar coletivo e se mantido preocupado com o futuro global. Aqui também podemos detectar algumas discrepâncias entre o dito e o feito no cotidiano de trabalho. A tentativa de contabilizar um maior valor com a venda de material reciclável levava, muitas vezes, ao descarte de produtos menos valorizados nesse mercado e que poderiam ser reciclados. Entendemos tais práticas do ponto de vista pragmático, no entanto, nunca pareceram entrar em contradição com o discurso segundo o qual eles estavam ali executando um trabalho para amenizar a poluição do meio ambiente. O fato é que, diante das circunstâncias, essas eram estratégias legítimas e necessárias para esses grupos conseguirem permanecer nesse trabalho e dele sobreviver.

Para Derksen e Gartrel (1993), a preocupação com o meio ambiente não tem efeitos diretos no comportamento de reciclar, a não ser que os indivíduos estejam em contextos favoráveis à realização da reciclagem (Derksen; Gartrel, 1993, p. 439). No caso dos trabalhadores com o lixo pesquisados, suas preocupações com o meio ambiente só têm influência em seu trabalho de seleção se for possível vender os materiais coletados a um

preço minimamente compensatório.

É preciso ter claro que, inicialmente, os trabalhadores com o lixo entram na atividade por necessidade e não por estarem totalmente comprometidos com o coletivo do qual passaram a fazer parte, o que não implica que, ao longo do processo educativo para o trabalho de reciclagem, tal identificação não ocorra. Muito pelo contrário, ela acaba sendo a grande arma de elevação da autoestima e da não estigmatização da atividade de reciclagem. Além disso, o cotidiano de trabalho nem sempre é favorável a que todos os princípios de um empreendimento econômico solidário sejam postos em prática. Os indivíduos, em certas circunstâncias, necessitam buscar artifícios para poderem dar continuidade aos seus trabalhos. Entendemos que o conflito ou o não comprometimento com alguns ideais característicos do conceito de empreendimento econômico solidário não se configura, necessariamente, como um desvio da conduta dos indivíduos que se tornam parte dele. A adesão tanto aos princípios da economia solidária quanto aos de preservação do meio ambiente é um processo que se faz mediante a aquisição de conhecimento sobre o assunto, necessidades imediatas de sobrevivência, grau de apreciação desses ideais por parte de outras camadas da sociedade, bem como a possibilidade discursiva e reflexiva proporcionada pela resolução de tensões e de conflitos ao longo do exercício de tal atividade.

### **Considerações finais**

O que observamos por meio de pesquisa empírica e no trato dos dados coletados é a riqueza e complexidade relacionadas à categoria de trabalhadores com o lixo. Tanto suas relações internas quanto aquelas estabelecidas com a sociedade envolvente permitem que esses trabalhadores se coloquem em uma nova ordem: a de elementos importantes para o meio ambiente e para a preservação do bem-estar urbano. São também novos agentes de novas formas de relações econômicas, em que o princípio do comércio justo e solidário inspira atitudes e narrativas.

Nem sempre compreendidos ou percebidos sob a ótica do trabalho, tais indivíduos têm desempenhado um papel extremamente importante nos contextos urbanos, fazendo do lixo ordem, rendimento e riqueza. Acompanhando o crescimento das cidades e das populações, eles têm conseguido, por meio de suas atividades, gerar visibilidade e polêmicas. Bem ou mal vistos, em suas múltiplas subdivisões (catadores, recicladores, carroceiros, papeleiros, entre outras), esses trabalhadores representam a condição contemporânea ao seu extremo: são criativos, inovadores e inventivos.

Por meio de pesquisa etnográfica realizada na cidade de Santa Maria, foi possível observar a dinâmica dessa categoria ao longo do tempo e as complexas relações a que tais trabalhadores estão vinculados. Trata-se de um campo, com certeza, onde agentes diversos e múltiplos interagem e estabelecem suas dinâmicas sociais e suas moedas de troca. As regras

desse mercado, contudo, ainda são um capítulo a ser escrito.

## Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robison. **Fotoetnografia um estudo de Antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial / Palmarina, 1997.
- ADDOR, Felipe. Desafios da Economia Solidária no Brasil: uma sistematização da literatura existente. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EDUCAÇÃO, POLÍTICA E INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. NESOL, 4., 2006. São Paulo. **Anais...**, São Paulo: USP, v. 1, 2006. Disponível em: <<http://sites.poli.usp.br/p/augusto.neiva/nesol/Publicacoes/anais%20IV/artigos/Princ%C3%ADpios%20da%20Economia%20Solid%C3%A1ria/Desafios%20da%20Economia%20Solid%C3%A1ria%20no%20Brasil%20uma%20sistematiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20existente..pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013
- ATTANÉ, Anne; LANGEWIESCHE, Katrin. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia. **Cadernos de antropologia e imagem**, n. 21, 2005, p.133-151.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Trad. Márcio Bandeira de M. Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: \_\_\_\_\_. **Walter Benjamin**. Org. e trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1991.
- BERTHIER, Héctor Castillo. Garbage, Work and Society. **Waste Manage Res**, n. 25, 2007, p. 234-240. Disponível em <<http://www.yildiz.edu.tr/~kanat/3/guzelMak.doc>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: \_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. Org. Renato Ortiz. Trad. Paula Montero e Alicia Ausmendí. São Paulo: Ática, 1983.
- BRANDÃO, Carlos R. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de antropologia e imagem**, n. 18, p. 27-54, 2004.
- BURSZTYN, Marcel; ARAÚJO, Carlos Henrique. **Da Utopia Urbana à exclusão: vivendo nas ruas de Brasília**. Rio de Janeiro / Brasília: Garamond / Codeplan, 1997.
- CABRAL, Maria Sueli. **Trabalhadores do Lixo: uma pedagogia da desordem**. 2001. 135f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2043/000313486.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26 abr. 2013
- DERKSEN, Linda; GARTREL, John. The social context of Recycling. **American Sociological Review** v. 58, n 3, p. 434-442, 1993.
- DEVOS, Rafael Victorino. **Uma “ilha assombrada” na cidade: estudo etnográfico sobre o cotidiano e memória coletiva a partir da narrativa de antigos moradores da ilha Grande dos Marinheiros, RS**. 2002. 295f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2059/000363389.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26 abr. 2013
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Trad. Mônica L. de Barros e Zilda Pinto. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. **Iluminuras**, Porto Alegre, n. 6, p. 1-32, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9141/5251>> Acesso em: 26 abr. 2013

FEITOSA, Débora Alves. **Cuidado e sustentação da vida a interface da educação popular no cotidiano de mulheres recicladoras**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <[http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/464/1/Debora\\_Alves\\_Feitososa.pdf](http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/464/1/Debora_Alves_Feitososa.pdf)> Acesso em: 26 abr. 2013

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008.

GAIGER, Luiz Inácio. **Sentidos e experiências da economia Solidária no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 125-142, 1995. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a13.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013

MACDOUGALL, David. Novos princípios da antropologia visual. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 21, p. 19-31, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v17n49/a02v1749.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013

MAGNI, Claudia Turra. **Nomadismo Urbano**: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

\_\_\_\_\_. O uso de fotografias na pesquisa sobre habitantes de rua. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 141-149, 1995. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a11.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013

MARTINS, Clitia Helena Backx. **Trabalhadores na reciclagem do lixo**: dinâmicas sócias econômica, sócias ambientais e políticas na perspectiva do empoderamento. 2003. 210f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6190/000438203.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26 abr. 2013

\_\_\_\_\_. Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade ocupacional, **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 5, p. 65-78, 2005. Consultado a 05.05.2009 em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/viewFile/2713/3036>> Acesso em: 26 abr. 2013

MICHELOTTI, Fernando Canto. **Catadores de “lixo que não é mais lixo”**: um estudo da dimensão do reconhecimento social a partir de sua experiência de organização coletiva do Rio Grande do Sul. 2006. 192f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7439/000544620.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26 abr. 2013

MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. Trad. Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho; ECKERT, Cornelia (orient.). Carrinheiros: Cotidiano e Itinerários Urbanos de Catadores de Lixo da Vila Cruzeiro em Porto Alegre. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, p. 1-23, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9159/5257>> Acesso em: 26 abr. 2013

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem em foco nas Ciências Sociais. In: \_\_\_\_\_. **Escrituras da Imagem**. São Paulo:

Fapesp / Edusp, 2004.

OLIVEN, Rubem George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Espetáculo da Rua**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.

SAMAIN, Etienne. Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 19-45, 1995. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v-1n2a04.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Simone Lira. **Negociando Identidades**: uma Etnografia entre trabalhadores com o lixo em Santa Maria, RS. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível: <<http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/docs/dissertacoes/simone-lira.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2013

\_\_\_\_\_. **Das “Quinzenas” às “Coisinhas”**: Pesquisa Etnográfica na Associação de Seleccionadores de Material Reciclável em Santa Maria – RS. 2007, 74f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63260967/Simone-Lira-Monografia>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

SINGER, Paul Souza. Economia Solidária um modo de produção e distribuição. In: \_\_\_\_\_. **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SNOW, David; ANDERSON, Leon. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo de rua. Trad. Sandra Vasconcelos. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, Andre Ricardo. Um instantâneo da economia solidária no Brasil. In: SINGER, Paul Souza (org.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

STOFFELS, Marie-Ghislaine. **Os mendigos na cidade de São Paulo**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades Complexas. In: \_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

Recebida em 14/01/2013

Aprovada em 21/03/2013